



GONÇALVES, Rodrigo Tadeu. Uma leitura decolonial de Polifemo na épica greco-romana. **Revista Épicas**. N. 19 – jun 26, p. 51-61.

DOI: <http://dx.doi.org/10.47044/2527-080X.2026.v19.5161>

UMA LEITURA DECOLONIAL DE POLIFEMO NA ÉPICA GRECO-ROMANA

Rodrigo Tadeu Gonçalves (UFPR)

RESUMO: O presente artigo discute a representação do Ciclope Polifemo nos poemas épicos *Odisseia*, de Homero, *Eneida*, de Virgílio, e *Metamorfoses*, de Ovídio, bem como em recepções contemporâneas do mito de Polifemo e Galateia, como a da contista Nina MacLaughlin, em *Wake, Siren: Ovid Resung* (2019). A proposta é observar em que medida a representação mais imediatamente depreensível do personagem como um monstro selvagem e violento é matizada pelos olhares dos três autores antigos, especialmente pelo modo como a presença de Odisseu perturba um modo de vida não civilizado. Em minha leitura, o colonizador é mais pernicioso do que o “monstro colonizado”, assim considerado no livro IX da *Odisseia*. Em termos semelhantes, Virgílio retrata o ciclope. Ovídio, nas *Metamorfoses*, o representa como um pastor-cantor, mas a introdução de um rival no amor de Galateia complica a narrativa e converte Polifemo em um amante rejeitado vingativo e violento, fundamentando a leitura do conto de Nina MacLaughlin, que apresenta Polifemo como uma espécie de *incel stalker* contemporâneo. Neste percurso, interessará observar os deslizamentos de configuração da natureza da relação de Polifemo com a natureza e com o mundo dito “civilizado” com o qual se depara violentamente no encontro com Odisseu e as consequências para a recepção do personagem posteriormente.

Palavras-chave: Polifemo; representação; colonização; violência; recepção

ABSTRACT: This article discusses the representation of the Cyclops Polyphemus in the epic poems Homer's *Odyssey*, Virgil's *Aeneid*, and Ovid's *Metamorphoses*, as well as in contemporary receptions of the myth of Polyphemus and Galatea, such as that of the short story writer Nina MacLaughlin in *Wake, Siren: Ovid Resung* (2019). The aim is to observe to what extent the most immediately perceptible representation of the character as a savage and violent monster is nuanced by the perspectives of the three ancient authors, especially by the way in which Odysseus's presence disturbs an uncivilized way of life. In my reading, the colonizer is more pernicious than the "colonized monster," as considered in Book IX of the *Odyssey*. In similar terms, Virgil portrays the Cyclops. Ovid, in the *Metamorphoses*, portrays him as a shepherd-singer, but the introduction of a rival in Galatea's love complicates the narrative and transforms Polyphemus into a vengeful and violent rejected lover, providing a basis for the reading of Nina MacLaughlin's story, which presents Polyphemus as a kind of contemporary incel stalker. In this context, it will be interesting to observe the shifts in the nature of Polyphemus's relationship with nature and with the so-called "civilized" world, which he violently encounters in his meeting with Odysseus, and the consequences for the character's subsequent reception.

Keywords: Polyphemus; representation; colonization; violence; reception

Introdução

O Ciclope Polifemo (Πολύφημος, *Polyphemus*, o “muito falado”), filho de Poseidon e da ninfa marinha Toosa é um dos mais famosos exemplos do “ogro que come gente”, um personagem recorrente em muitas tradições folclóricas, mas que ganha nome próprio a partir de sua aparição no canto 9 da *Odisseia* de Homero, por volta do século VIII a.C. A partir da representação do ciclope como um “monstro” enorme de um só olho que vive em uma ilha próxima da costa oriental da Sicília e do Monte Etna, há muitas aparições do personagem na literatura e na arte da Antiguidade Greco-Romana. No drama satírico *Ciclope* de Eurípides (séc. V a.C.), o ciclope é retratado como alguém incapaz de refrear seus apetites, e discursa como um sofista. Na poesia pastoral alexandrina, a partir de uma representação anterior em um ditirambo de Filoxeno de Citera (séc. IV a.C.), Teócrito (especialmente no Idílio XI), Calímaco e outros poetas do período trataram do ciclope como um pastor, músico e cantor que se apaixona pela ninfa Galateia e não é correspondido. No mundo romano, Polifemo aparece em Propércio (III.2) como símbolo do poder da música. Na *Eneida* de Virgílio (3.589-683) ouvimos sobre o personagem de um dos companheiros de Odisseu, Aquemênides, deixado para trás na gruta do Ciclope, que o chama de *pestem*. Logo depois, o próprio narrador, que nesse livro é o próprio protagonista Enéias, o vê e relata a triste visão. Ovídio, ligando a versão homérica/virgiliana à versão pastoral alexandrina, retrata nas *Metamorfoses* o ciclope como um pastor-cantor apaixonado por Galateia, e introduz um rival, o belo Ácis, cujo amor a ninfa corresponde, e que, por ciúmes, Polifemo mata soterrado com um pedaço de montanha, e que depois é transformado em divindade marinha pela ninfa.

A recepção de Polifemo segue nas artes plásticas, na escultura, na música (diversas óperas importantes foram compostas a partir da de Handel no início do século XVIII) e na literatura até hoje, de modo bastante prolífico. A primeira obra que se dedica integralmente ao estudo profundo da recepção da figura de Polifemo e do mito dos ciclopes é o livro de Mercedes Aguirre e Richard Buxton, “Cyclops: The Myth and its Cultural History” (2020). Leituras decoloniais do personagem têm sido feitas em publicações importantes, como o capítulo “Recasting Monsters in Postcolonial Art and Literature” de Justine McConnell (2024). Polifemo apresenta potencial comparável ao de Caliban e ao do monstro de Frankenstein para discutir proto-colonialismo e alteridade radical, e ainda há muito a dizer sobre essa questão.

Aqui, esboçarei um percurso crítico decolonial da figura de Polifemo na poesia épica/hexamétrica: *Odisseia*, de Homero, *Eneida*, de Virgílio, e *Metamorfoses*, de Ovídio, para, por fim, ler brevemente apenas uma das variadas versões contemporâneas do ciclope, a da contista Nina MacLaughlin, em *Wake, Siren: Ovid Resung* (2019).

A proposta é observar em que medida a representação mais imediatamente depreensível do personagem como um monstro selvagem e violento é matizada pelos olhares dos três autores antigos, especialmente por conta do modo como a presença de Odisseu perturba um modo de vida não civilizado porém não violento ou monstruoso, e que essa mesma intervenção é responsável por “converter” a criatura pacífica e ligada ao pastoreio e à natureza em um monstro temível e, portanto, “corrompido” por um processo de pré-colonização odisseica. Em minha leitura, o colonizador é mais pernicioso do que o “monstro colonizado”, assim considerado exatamente a partir da visada e da postura de Odisseu no livro 9 da *Odisseia*.

No canto IX, o narrador em primeira pessoa é o próprio Odisseu, que reconta suas aventuras na corte dos Feácios, e o episódio dos ciclopes chama atenção pelo elevado grau de perigo, aventura e fantasia: o “monstro” de um só olho é representado pelo protagonista-cantor como incivilizado, bárbaro, selvagem, especialmente na medida em que Polifemo viola a lei da hospitalidade, a *xenia*, ao comer diversos de seus companheiros que prende em sua caverna. Curiosamente, uma leitura bastante superficial nos mostra que quem viola primeiro a *xenia* é o próprio Odisseu, com seus companheiros, uma vez que entram no antro sem serem convidados, roubam seu alimento e seu gado, conspurcam sua morada e, pela resolução infeliz do incidente, cegam e desgraçam o ciclope, isso tudo após a cena em que Odisseu demonstra sua sagacidade ao responder que seu nome era “Outis”, “Ninguém”, o que impediu o resgate de Polifemo por seus pares. No entanto, a desgraça de Polifemo recai sobre o herói, que, num momento de húbri, após conseguir fugir, e, portanto, por pura crueldade e vanglória, revela seu nome real ao monstro que, da praia, tenta atingir os navios com pedras enormes, e que, após a partida dos gregos, pede que seu pai Poseidon se vingue de Odisseu, uma maldição que *gera a perseguição divina* e todos os infortúnios pelos quais o herói passa a partir dali, e que, enquanto narra aos Feácios, ainda não terminaram. Ou seja, trata-se de uma forma de profecia autorrealizadora típica das estruturas míticas antigas, especialmente comuns na épica homérica e, posteriormente, na tragédia ática. Em meio a esse episódio, sem perceber, Odisseu faz uma espécie de retrato etnográfico dos ciclopes que contraria de cara a leitura desses seres como bárbaros/selvagens/inferiores:

Perto dali observamos a terra dos homens ciclopes
(...)
‘Vós, companheiros queridos de viagem, ficai aqui todos,
que eu, no navio em que vim, juntamente com meus companheiros,
vou ver se obtenho notícias da gente que mora ali perto,
se, porventura, selvagens violentos, que leis desconheçam,
se de outras terras e amigos, e afeitos ao culto dos deuses. (H. *Od.*9.166; 172-6¹)

ἄλλοι μὲν νῦν μίμνεντ', ἐμοὶ ἐρίηρες ἐταῖροι·
αὐτὰρ ἐγὼ σὺν νηὶ τ' ἐμῇ καὶ ἐμοῖς ἐτάροισιν

¹ Todas as traduções de Homero aqui citadas são de Carlos Alberto Nunes.

ἐλθὼν τῶνδ' ἀνδρῶν πειρήσομαι, οἳ τινὲς εἰσιν,
ἢ ῥ' οἷ γ' ὕβρισταί τε καὶ ἄγριοι οὐδὲ δίκαιοι,
ἦε φιλόξεinoι, καὶ σφιν νόος ἐστὶ θεουδής.

Veremos adiante que o próprio Odisseu se tornará ὕβριστής (*hubristés*, “o que comete húbri”, “violento”), οὐ δίκαιος (*ou dikaíos*, “não justo”, “não civilizado”), οὐδὲ φιλόξενος (*oude philoxenos*, “nem hospitaleiro”) οὐδὲ θεουδής (*oude theoudés*, “nem temente aos deuses”) neste mesmo episódio. Além disso, ao referenciar o ciclope pela primeira vez, Odisseu o chama em grego de ἀνὴρ πελώριος (*anér pelorios*, “um homem enorme”, “gigantesco”, usado em geral como atributo de divindades (como em *Il.* 5.395, 7.208) ou de heróis, como em *Il.* 3.229, 11.820, 21.527), o que diversas traduções vertem como “monstro”, como Nunes, enquanto traduções mais recentes como a de Emily Wilson traduzem a expressão como “a massive man” (*Od.* 10.187). Ao adentrar o antro, o protagonista se surpreende com a arrumação e a ordem, e, com naturalidade que chega a envergonhar, trata de planejar o saque do cuidadoso rebanho e produção de queijo de Polifemo:

Dentro da gruta, tomados de espanto, admirávamos tudo.
Os secadouros de queijo se achavam repletos; cabritos
e anhos no estáb'lo apertavam-se, todos mui bem-segregados:
os que nasceram primeiro, os de idade mediana e, por último,
os recém-nados. Das muitas vasilhas o soro escorria,
tarros, não só, mas gamelas bem-feitas, nas quais ordenhara.
Meus companheiros, então, me pediram voltássemos logo
com uma boa porção desses queijos; depois cuidaríamos,
sem perder tempo, de às naves velozes levar alguns anhos
e cabritinhos, e as ondas salgadas cursar, em seguida. (*H. Od.* 10.218-28)

No primeiro diálogo com Polifemo, Odisseu lhe pede hospitalidade, mas o ciclope declara seu desprezo às leis dos deuses: “Nós, os Ciclopes, não temos receio de Zeus poderoso, / nem dos mais deuses beatos, pois somos mais forte que todos.” (9.275-6), e procede a comer os sócios de Odisseu, de dois em dois.

Para além do gesto de invasão e desapropriação dos bens e recursos do nativo que Odisseu desrespeita, a primeira intervenção proto-colonialista do herói faz parte do plano para adormecer e cegar o ciclope: oferecer-lhe vinho, algo que ele nunca havia provado. O gesto é descrito primeiro com o discurso direto de suas próprias palavras a Polifemo (“Toma, Ciclope, exp’rimenta este vinho (...) há de ver que bebida se achava no bojo / das nossas naus. (...)”, e, assim que termina, descreve o azeite em termos já valorativos, contribuindo para construir a representação de Polifemo como voraz e incapaz de conter seus apetites: “Disse-lhe; o vinho aceitou, e o bebeu revelando tão grande / gosto por essa bebida que logo pediu nova dose” (9.347-54).

Numa rápida leitura decolonial, o que vemos aqui não é a interação estereotipada e maniqueísta de um herói virtuoso com um ogro selvagem, violento, antropófago, mas a de um

colonizador que se considera superior, que se arroga o direito aos recursos do nativo, que desestabiliza sua vida em uma sociedade diferente da homérica “civilizada” e corrompe o nativo com vinho, mutilação, húbris e humilhação, o que, enfim, retorna a Odisseu como a merecida maldição e consequente perseguição pelo deus Poseidon. Ou, nas palavras de McConnell:

The colonality of Odysseus’ encounter with Polyphemus, combined with the understanding that the Cyclopes are human beings, renders the episode one in which — long before the concept had been developed — Homi Bhabha’s notion of ‘colonial mimicry’ is played out. Bhabha has formulated colonial mimicry as ‘the desire for a reformed, recognisable Other, as a subject of difference that is almost the same, but not quite’ (1984: 126, original italics); Polyphemus is presented as the ‘unreformed’ version of this ‘Other’. What necessitates his depiction as a monster is the fact that he is a human being whom Odysseus treats inhumanly. While the Odyssey — indeed, Odysseus himself — confirms Polyphemus’ identity as a human being, later portrayals have very often rendered him as steadfastly non-human, with his size and single eye dominating depictions in a way that indicates that artists down the centuries have been beguiled by Odysseus’ version of events and have overlooked the more contestatory narrative that bubbles contrapuntally beneath the surface. As Bhabha remarks, the ‘otherness’ of colonial mimicry has often meant that ‘almost the same but not quite’ is a synonym for ‘almost the same but not white’ (1984: 130, 132); in later engagements with the Odyssey, Polyphemus’ visible alterity is magnified by the emphasis on his single eye in a way present but not emphasized in the Homeric original, where the shakiness of Odysseus’ claims of cultural difference are camouflaged but not concealed. (McConnell, 2024: 513)

Virgílio, por sua vez, retrata o ciclope logo após a partida de Odisseu, em termos semelhantes, mas faz uso do episódio para estabelecer uma ligação narrativa quase ininterrupta entre o enredo da *Odisseia* e o da *Eneida*, ao colocar na corte da rainha Dido o próprio herói Enéias como o rapsodo que narra suas viagens, da última noite de Tróia até aquele momento, repetindo com variação o episódio de Odisseu entre os Feácios. A alteridade que se estabelece na corte de Dido, fenícia, viúva, rainha exilada no norte da África, em Cartago, acentua os traços de diferenças culturais e políticas, de modo que a aventura amorosa ali nascida e desfeita com a partida do protagonista causa não apenas o suicídio da rainha, mas a derrocada de seu reino próspero e, com a maldição de Dido (Virg. *En.* 4.607-29), o futuro malfadado do poeta e a grande inimizade de Roma no futuro do passado, pois no tempo do poeta, as guerras púnicas já haviam terminado, com a vitória dos romanos. A maldição de Dido, portanto, reverbera não apenas a dimensão profética do destino manifesto de Enéias, mas também espelha a maldição de Polifemo, que pede a Poseidon que atrapalhe a viagem de Odisseu, semelhante à intervenção que Dido pede ao Sol, a Hécate, às Fúrias e, especialmente, a Juno, o equivalente de Poseidon na *Eneida*.

Assim, a presença de Aquemênides na *Eneida*, companheiro de Odisseu deixado para trás na ilha dos Ciclopes, que conta a Enéias o que aconteceu nos poucos meses que se passaram desde a partida de Odisseu, tem uma função estrutural, a de posicionar o poema romano não apenas como uma emulação poética de Homero, mas como que inscrever seu enredo numa espécie de MCU da Antiguidade: a *Eneida*, de fato, é uma forma de *sequel* da *Odisseia*. Sendo assim, a operação colonial

que transformou Polifemo de um *aner*, um homem enorme, em um monstro de um olho só, selvagem e intratável, um *monstrum*, já se operou por completo, como vemos nas palavras de Aquemênides e, depois, nas de Eneias:

Eis, aqui, ao deixarem, com medo, os crueis limiares,
deslembados do sócio, no antro do enorme Ciclope,
me abandonaram, a gruta sangrando em festim carniceiro,
bem escura, vasta e ele, tão alto, as estrelas
chega a tocar – afastai, ó deuses, da terra tal **monstro (pestem)**! –
nada fácil olhá-lo, nada afável ao discurso. (Virg. *En.* 3.616-21²)

*Hic me, dum trepidi crudelia limina linquant,
inmemores socii vasto Cyclopi in antro
deseruere. Domus sanie dapibusque cruentis,
intus opaca, ingens; ipse arduus, altaque pulsat
sidera—Di, talem terris avertite pestem!—
nec visu facilis nec dictu adfabilis ulli.* (Virg. *En.* 3.616-21)

Mal essas coisas dissera, e vemos, no alto do monte,
ele, em meio ao gado, movendo sua massa gigante,
o pastor Polifemo, buscando o areal conhecido,
monstro horrendo, ingente, disforme, com o olho arrancado.
Esgarçado pinheiro o conduz, e firma os seus passos;
seguem-no ovelhas lanígeras – essas, seu único alento
e consolo dos males. (Virg. *En.* 3.655-61)

*Vix ea fatus erat, summo cum monte videmus
ipsum inter pecudes vasta se mole moventem
pastorem Polyphemum et litora nota petentem,
monstrum horrendum, informe, ingens, cui lumen ademptum.
Trunca manu pinus regit et vestigia firmat;
lanigeræ comitantur oves—ea sola voluptas
solamenque mali.* (Virg. *En.* 3.655-61)

Agora, de *pelorios*, “gigante”, Polifemo já é abertamente um *monstrum horrendum, informe, ingens*, de modo que a sequência estabelecida pela recepção de Homero por Virgílio consolida a leitura de um ciclope não apenas sobrehumano e monstruoso no sentido de “admirável”, a primeira acepção do termo em latim, ligada ao domínio dos prodígios e dos portentos, mas monstruoso no sentido negativo, o de “monstruosidade” ou “aberração”, segunda acepção em dois dos principais dicionários de latim, o Lewis & Short e o Gaffiot.

Seguindo o fio das representações dos *nostoi*, dos retornos ao lar, de Odisseu a Eneias, da Grécia a Tróia a Roma, Homero-Virgílio passam a servir de ponto de partida narrativo para que Ovídio possa inserir suas *Metamorfoses* no mesmo universo ficcional, operando o mesmo procedimento que Virgílio operou com Homero, ao trazer Aquemênides para a narrativa da “pequena Eneida” ovidiana.

² Tradução minha, em andamento.

Embora a construção de Polifemo em Ovídio elabore mais a sua versão pastor-músico apaixonado pela ninfa Galatéia (fundindo o relato Homérico às versões pastoris como a de Teócrito), a narrativa das viagens de Eneias percorre momentos não canônicos da representação do périplo de Eneias feita por Virgílio, o que possibilita que Ovídio retrabalhe o percurso odisseico-eneádico de forma abreviada, numa espécie de montagem cinematográfica que, em pouco mais de 30 versos (Ov. *Met.* 13.705-37) representa quase todo o percurso de Eneias, e, ao chegar na menção a Cila, faz uma digressão para contar a história que a ninfa Galateia lhe havia relatado, enquanto tinha os cabelos penteados por Cila, antes de se tornar um monstro marinho. (vv. 738-897). Nas palavras da ninfa:

aquele **selvagem (inmitis)**
horroroso até mesmo pras selvas, jamais contemplado
impunemente, **desprezador do Olimpo e seus deuses**,
foi descobrir o amor e, tomado de forte desejo,
queima, e passa a esquecer seus rebanhos e antros profundos.
Já te preocupa a beleza, o ser agradável te ocupa,
já, Polifemo, um rastelo te serve de pente pra grenha,
já te agrada raspar a barba hirsuta com foice,
e observar-te nas águas, recompondo teu rosto;
sede imensa de sangue, amor da carnagem, a fereza
cessam, e em segurança chegam e partem navios. (*Met.* 13.759-69³)

*Nempe ille inmitis et ipsi
horrendus silvis et visus ab hospite nullo
impune et magni cum dis contemptor Olympi,
quid sit amor, sensit validaque cupidine captus
urit, oblitus pecorum antrorumque suorum.
Iamque tibi formae, iamque est tibi cura placendi,
765 iam rigidos pectus rastris, Polypheme, capillos,
iam libet hirsutam tibi falce recidere barbam
et spectare feros in aqua et componere vultus.
Caedis amor feritasque sitisque inmensa cruoris
cessant, et tutae veniunt abeuntque carinae.* (*Met.* 13.759-69)

E, em seguida, Galateia narra o momento em que, escondida sob uma rocha e abraçada a seu amante Ácis, que Ovídio acrescenta à já diversas vezes explorada narrativa do amor de Polifemo por Galateia na tradição pastoral, ouve a canção de amor de Polifemo, narrada na íntegra por ela em seu discurso direto dirigido a Cila, algo surpreendente e que tensiona a verossimilhança da passagem, já que o canto de Polifemo tem exatos oitenta versos! (13.789-869).

Apesar do desfecho violento, em que Polifemo, rejeitado, estraçalha Ácis ao arremessar contra ele um topo de montanha, o seu canto longo e emotivo contrasta fortemente com a construção do ciclope como um monstro selvagem. Seu canto é belo, singelo, ingênuo e quase cômico no modo como tenta suplantar a narrativa prevalente de que ele é um monstro, uma fera, através da sua riqueza natural. Em seu canto, Polifemo oferece sua enorme riqueza, contada em frutos, gado, queijo,

³ Tradução minha.

animais selvagens, a uma Galateia que ele descreve em termos hiperbólicos como alguém que possui todas as características que embelezam a natureza, mas sempre em grau ainda maior, antes de exaltar a própria beleza, que vê refletida na água, em termos que subvertem também a suposta feiura decorrente de seu estatuto monstruoso construído sempre pelo Outro:

Ó Galateia, mais alva que a flor do níveo alfeneiro,
mais florida que os prados, mais alta que o amieiro,
mais brilhante que o vidro, mais ágil que a tenra cabrita,
mais suave que as conchas polidas por ondas assíduas,
mais agradável que o sol no inverno ou o fresco da sombra,
mais celebrada que a palma, mais bela que o plátano alto,
mais luzidia que o gelo, mais doce que a uva madura,
mais suave que as plumas de um cisne ou que o leite coalhado,
caso não fujas, mais formosa que um horto irrigado;
(...)

Se casares comigo, não faltarão nem castanhas
nem os frutos do arbuto; serão as árvores tuas.
Todo este rebanho é meu; uns erram nos vales,
outros a selva oculta, e muitos descansam nas grutas.
Nem poderia dizer quantos são, se acaso perguntas;
pobre é que conta seu gado! Nos louvores que faço
nem precisas acreditar; podes ver, se vieres,
como arrastam as pernas com o peso dos úberes cheios.
Tenho num curral mais quente uma cria mais nova
de cordeiros e, com a mesma idade, uns cabritos.
(...)

Certo é que eu me conheço, eu vi minha imagem nas águas
límpidas pouco tempo atrás, o que eu vi é agradável.
Vê que grande que sou! Não tem um corpo maior que o
meu nem Jove nos céus (pois vós costumais afirmar que um
tal de Júpiter reina lá em cima); meus longos cabelos
caem no rosto sisudo e sombreiam meus ombros qual bosque.
E que meu corpo esteja coberto por pelos tão densos
não consideres feio; feia é a árvore nua,
feio é o cavalo, se a crista dourada não cobre o pescoço.
Penas cobrem as aves, e a lã é o enfeite de ovelhas;
e nos homens caem bem a barba e os pelos hirsutos.
Tenho apenas um olho em meu rosto, porém é tão grande
quanto um escudo. O quê? O grande Sol não vê tudo
do alto do céu? Mas o Sol também é um único orbe. (...) (Ov. *Met.*, 13.789-853)

*"Candidior folio nivei, Galatea, ligustri,
floridior pratis, longa procerior alno,
splendidior vitro, tenero lascivior haedo,
levior adsiduo detritis aequore conchis,
solibus hibernis, aestiva gratior umbra,
nobilior pomis, platano conspectior alta,
lucidior glacie, matura dulcior uva,
mollior et cygni plumis et lacte coacto
saevior indomitae eadem Galatea iuvencae,
(...)*

*Nec tibi castaneae me coniuge, nec tibi deerunt
arbutae fetus: omnis tibi serviet arbor.*

*Hoc pecus omne meum est, multae quoque vallibus errant,
multas silva tegit, multae stabulantur in antris.
Nec, si forte roges, possim tibi dicere, quot sint:
pauperis est numerare pecus! De laudibus harum
nil mihi credideris: praesens potes ipse videre,
ut vix circueant distentum cruribus uber.
Sunt, fetura minor, tepidis in ovilibus agni,
sunt quoque, par aetas, aliis in ovilibus haedi.
(...)
Certe ego me novi liquidaeque in imagine vidi
nuper aquae, placuitque mihi mea forma videnti.
Adspice, sim quantus! Non est hoc corpore maior
Iuppiter in caelo: nam vos narrare soletis,
nescio quem regnare Iovem. Coma plurima torvos
prominet in vultus umerosque, ut lucus, obumbrat.
Nec mea quod rigidis horrent densissima saetis
corpora, turpe puta turpis sine frondibus arbor,
turpis equus, nisi colla iubae flaventia velent;
barba viros hirtaeque decent in corpore saetae.
Unum est in media lumen mihi fronte, sed instar
ingentis clipei. Quid? non haec omnia magnus
Soli videt e caelo? Soli tamen unicus orbis! (Ov. Met., 13.789-853)*

E, por fim, contrariando a quebra de expectativa criada no retrato do pastor-cantor emotivo e singelo, sua versão monstro vence quando se depara com o rival e com a recusa de Galateia. A introdução de um rival no amor de Galateia por Ovídio complica a narrativa e converte Polifemo em um amante rejeitado vingativo e violento, o que fundamenta a última leitura apresentada, a de Nina MacLaughlin, que apresenta Polifemo como uma espécie de *stalker* contemporâneo, meio *incel*, meio *redpill*. Em *Wake, Siren: Ovid Resung*, a escritora estadunidense Nina MacLaughlin reescreve diversos episódios das *Metamorfoses* em contos de estruturas variadas e em geral narrados da perspectiva de personagens femininas do poema. No conto “Scylla”, a protagonista conta a história de sua amiga Galatea, que lhe pede ajuda para lidar com um *stalker*, e narra sua história através de uma sequência de e-mails trocados entre ela e Polyphemus, The Cyclops, que ela conheceu em uma festa. Com o pretexto de enviar um link de algo interessante, Polyphemus pede o e-mail de Galatea e, após receber uma resposta breve agradecendo o envio, passa a enviar mensagens cada vez maiores e mais assustadoras, incapaz de assimilar o fato óbvio de que Galatea não mostra nenhum interesse em seguir em diálogo com ele. Após um longo e-mail que emula o canto de cortejo de Polifemo em Ovídio, não respondido, as mensagens de Polyphemus ficam mais violentas:

*“From: Polyphemus <rolypoly@hotmail.com>
Date: Thur, May 16 at 4:04 AM
Subject: Re: Hometown!
To: Galatea <g.latea@gmail.com>
You don’t find anything there to respond to? I find that surprising. It makes me think
there’s something bigtime wrong with you.*

From: Polyphemus <rolypoly@hotmail.com>

*Date: Fri, May 17 at 3:58 PM
Subject: Re: Hometown!
To: Galatea <g.latea@gmail.com>
Nothing still? Are you a bitch.*

*From: Polyphemus <rolypoly@hotmail.com>
"Date: Sun, May 19 at 11:21 AM
Subject: Re: Hometown!
To: Galatea <g.latea@gmail.com>
How's Acis, Galatea? Still a loser?*

*From: Polyphemus <rolypoly@hotmail.com>
Date: Mon, May 20 at 3:17 AM
Subject: Re: Hometown!
To: Galatea <g.latea@gmail.com>
Stupid fucking cunt."*

*"From: Galatea <g.latea@gmail.com>
Date: Tue, May 21 at 10:11 AM
Subject: Re: Hometown!
To: Polyphemus <rolypoly@hotmail.com>
Hi Polyphemus. Please stop e-mailing me. I'm not interested and your messages are
frightening.*

*From: Polyphemus <rolypoly@hotmail.com>
Date: Tue, May 21 at 10:17 AM
Subject: Re: Hometown!
To: Galatea <g.latea@gmail.com>
Oh, Galatea. Sweet G. Thank you for writing. I don't want to frighten you. I'm just trying to
make you know what I know: we are meant for each other. And I'm happy we're going to
see each other soon."*

A sequência da narrativa segue emulando o mito na versão de Ovídio, e termina com a narradora contando a perseguição que ela própria sofre, desta vez com Glauco, o que segue ponto a ponto a passagem ovidiana. Porém, o que realmente atualiza o mito aqui, e a função que Polifemo exerce como monstro desde a intervenção de Odisseu, é a assustadora recolocação de seu ethos como o de um homem contemporâneo incapaz de lidar com a rejeição e com sua masculinidade ferida, o que, infelizmente, ainda hoje, causa mais mortes por feminicídio do que qualquer mito antigo.

Neste breve esboço, procurei apresentar o personagem de Polifemo em um percurso diacrônico através de suas encarnações, de Homero à literatura contemporânea, com foco, em especial, no gênero da épica narrativa. A abordagem procurou evidenciar uma perspectiva decolonial sobre um personagem que tipicamente é caracterizado e recebido como representante da categoria de monstrosidade. O que procuramos apresentar, porém, é que esse estatuto é construído pelo percurso das recepções em um movimento sutil de exploração e de perversão do estado natural harmônico em que Polifemo vive em sua comunidade na *Odisseia* de Homero, especialmente via naturalização da violência que Odisseu exerce sobre ele e que ele mesmo, como narrador-

personagem, relata ao tomar a voz rapsódica de Homero no episódio dos Feácios. Assim, a hipótese que parece a mais provável é a de que o mecanismo exploratório operado por Odisseu *cria* o estatuto de marginalização e monstrificação do ciclope em virtude de sua intervenção proto-colonialista.

Referências

AGUIRRE, Mercedes; BUXTON, Richard. **Cyclops: The Myth and its Cultural History**. Oxford: Oxford University Press, 2020.

HOMER. **The Odyssey with an English Translation by A.T. Murray in two volumes**. Cambridge, MA., Harvard University Press; London, William Heinemann, Ltd., 1919.

HOMER. **The Odyssey**. Translated by Emily Wilson. New York: W. W. Norton & Company, 2018.

HOMERO. **Odisseia**. Tradução e prefácio de Carlos Alberto Nunes. 25. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

MCLAUGHLIN, Nina. **Wake, Siren: Ovid Resung**. New York: FSG Originals (Farrar, Straus and Giroux), 2019.

MCCONNELL, Justine. Recasting Monsters in Postcolonial Art and Literature. In: FELTON, Debbie (ed.). **The Oxford Handbook of Monsters in Classical Myth**. Oxford: Oxford University Press, 2024.

OVID. **Metamorphoses**. Ed. Hugo Magnus Gotha. Friedr. Andr. Perthes, 1892.

OVÍDIO. **Metamorfoses**. Tradução do latim, introdução, notas e glossário de Rodrigo Tadeu Gonçalves. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2023.

PROPÉRCIO, Sexto. **Elegias de Sexto Propércio**. Organização, tradução, introdução e notas de Guilherme Gontijo Flores. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

RODRIGUES, Guilherme de Faria. **O ciclope de Eurípides: estudo e tradução**. Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

TEÓCRITO. "Idílio XI". Tradução de Rafael Brunhara. **Primeiros Escritos**, 2013. Disponível em: <http://primeiros-escritos.blogspot.com/2013/09/teocrito-idilio-xi.html>

VERGIL. **The Bucolics, Aeneid, and Georgics Of Virgil**. J. B. Greenough Boston Ginn and Co. 1881.

VIRGÍLIO. **Eneida**. Trad. Rodrigo Tadeu Gonçalves (em andamento).